

---

## *A matriz católica da ex-Quarta Colônia de imigração italiana*

*The catholic matrix of the ex-fourth colony of italian immigration*

**Vitor Otávio Fernandes Biasoli\***

---

**Resumo:** A Quarta Colônia de Imigração Italiana, localizada a 30 km da cidade de Santa Maria (RS), foi fundada em 1877, e teve a sua formação católica consolidada com a atuação da Congregação Palotina. Os Palotinos se estabeleceram primeiramente no Núcleo Colonial Vale Vêneto, em 1886, e dali expandiram sua atuação pela região central do estado. Este texto visa a investigar a consolidação da matriz católica na ex-Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, acentuando que os Palotinos, durante a Primeira República, estavam sintonizados com a orientação ultramontana do Vaticano (estabelecida pelo Concílio Vaticano I) e também do episcopado brasileiro. A investigação se deu a partir da bibliografia existente a respeito da Igreja Católica na região e da documentação da congregação, existente no Arquivo da Província Nossa Senhora Conquistadora, em Santa Maria (RS). O Vale Vêneto se tornou, a partir da década

**Abstract:** The Fourth Colony of Italian Immigration, situated 30 km from the city of *Santa Maria (RS)*, was founded in 1877, and had its catholic formation consolidated with the acting of the Congregation *Palotina*. The *Palotinos* first settled at the Colonial Nucleus *Vale Vêneto*, in 1886, and from there expanded their acting through the central region of the state. This text aimed at investigate the consolidation of the catholic matrix at the ex-Fourth Colony of Italian Immigration in *Rio Grande do Sul*, reinforcing that the *Palotinos*, by the end of the Empire and during the First Republic, were tuned to the ultraroman orientation of the Vatican (established by the Vatican Council I) and also the Brazilian episcopate. The investigation happened from the bibliography existent about the Catholic Church at the region and of the records of the congregation, preserved at the Archives of the Province *Nossa Senhora Conquistadora*, in *Santa*

---

\* Doutor em História. Professor na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
E-mail: vbiasoli@gmail.com.

de 20 (séc. XX), um local de escolas e seminário e, dessa maneira, espaço privilegiado de formação dos quadros da Congregação Palotina. A população da ex-Quarta Colônia, de modo geral, integrou-se à Igreja e se expressou através de usos e costumes católicos. Essa matriz católica ultramontana permanece viva na região, mesmo após as transformações do catolicismo (indicadas pelo Concílio Vaticano II) e as mudanças na orientação do Clero e da Congregação Palotina inclusive.

**Palavras-chave:** Imigrantes. Colônia. Catolicismo. *Palotinos*.

*Maria (RS). The Vale Veneto became, from the 20s, a place of schools and seminary and, this way, privileged space of formation of the Palotina Congregation staff. The ex-Fourth Colony population, altogether, integrated to the Church and expressed themselves through the catholic uses and customs. This ultramontane Catholic matrix remains alive at the region, even after the transformation of the Catholicism (indicated by the Vatican Council II) and of the changes in the orientation of the clergy including the Congregation Palotina.*

**Keywords:** Immigrants. Colony. Catholicism. *Palotinos*.

## Introdução

Este artigo tem como propósito historiar a formação da matriz católica da ex-Quarta Colônia de Imigração Italiana. Fundada em 1877, a 30km da cidade de Santa Maria, a colônia – que passou a se chamar Silveira Martins – recebeu os primeiros padres em 1881 e, posteriormente, em 1886, abrigou a primeira missão da Pia Sociedade das Missões (PSM), conhecida como Congregação Palotina. Os palotinos eram sacerdotes sintonizados com o projeto ultramontano e se tornaram agentes dessa reforma na região central do Rio Grande do Sul. Os palotinos souberam corresponder à demanda religiosa dos colonos e, com eles, estabeleceram uma forte coesão. Dessa maneira, tanto marcaram a vida sociocultural da área colonial quanto se fortaleceram como congregação religiosa.

Historiando as primeiras décadas da colônia – da fundação até a década de 20 (séc. XX) – este trabalho pretende contribuir para a investigação da vida religiosa da ex-Quarta Colônia, a qual, até hoje, mantém traços católicos bastante acentuados.

## A chegada dos imigrantes e dos primeiros padres

A partir de 1875 chegaram os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, com o propósito de ocupar as quatro colônias criadas pelo Governo imperial brasileiro. Para a Quarta Colônia, localizada no centro da então Província de São Pedro, os colonos aportaram em 1877. A divisão dos lotes e a ocupação dos mesmos iniciaram no ano seguinte, tendo como sede o povoado de Silveira Martins. O primeiro contato dos italianos com a colônia foi narrado pelo padre palotino Frederico Schwinn em seus manuscritos, quando era vigário de Silveira Martins (1906 a 1918):

Pelo fim de 1877 [...] chegaram umas *oitocentas* famílias [grifo nosso, pois na verdade foram oitenta famílias], todas da Alta Itália, sendo provisoriamente agasalhadas no “Barracão”, no lugar que mais tarde tomaria o nome de “Val de Buia” [...]. Foi grande a mortandade entre eles, devido às conseqüências da viagem [...], à umidade do solo, às chuvas prolongadas e à falta de habitação, pois muitos moravam em ranchos improvisados, [e] a comida, às vezes gasta, produzia diversas doenças. Causou isto desânimo geral e foi o senhor Paulo Bortoluzzi que trabalhou com afincos para realçar o ânimo dos imigrantes. No dia de natal de 1877 ele pronunciou um sermão religioso, lembrando o que a Sagrada Família tinha sofrido em Belém. [...] De vez em quando consolava aos pobres italianos o reverendo Marcelino Bittencourt, vigário de Santa Maria, que vinha rezar missa no Barracão e administrava os sagrados sacramentos.<sup>1</sup>

Em linhas gerais, o texto do padre Schwinn indica o roteiro básico da “saga dos imigrantes”: o acampamento precário no início, o sofrimento, a doença, o abandono espiritual e a ação decidida de padres-leigos como Paulo Bortoluzzi. Esse roteiro acentua a dimensão religiosa dos imigrantes e justifica a ação posterior da Igreja na região colonial.

Em 1879, o núcleo colonial do Vale Vêneto (a 7km da sede) já contava com um moinho e uma casa comercial, propriedades de Paulo Bortoluzzi. Ele e Luis Rosso eram as lideranças do povoado e logo deram origem a uma comunidade de capela, isto é, a uma organização de colonos para atender às suas necessidades sociais e religiosas, como a reza do terço, a missa, a catequese e as cerimônias fúnebres. Posteriormente, recolheram dinheiro da comunidade e enviaram um emissário à Itália para tratar da vinda de sacerdotes. Em 1881, chegaram os padres seculares Vitor Arnoffi e Antonio Sório, que foram disputados pela sede da colônia

(VÉSCIO, 2001, p. 52-61). Houve entendimento entre os colonos, e Arnoffi ficou atuando na sede da colônia, enquanto Sório exercia suas atividades no Vale.

Em 1884, Vitor Arnoffi morreu, e Sório tornou-se o vigário na sede, atendendo também à população do Vale. Padre Sório logo se desentendeu com a comunidade, discutindo com os fabriqueiros a respeito dos valores que eles lhe deviam pelos serviços religiosos. Nas missas que vinha rezar no Vale Vêneto, Sório cobrava dinheiro dos colonos durante o sermão e irritava a comunidade. (VÉSCIO, 2001, p. 58).

Em dezembro de 1884, os colonos do Vale fizeram uma petição ao presidente da Província reclamando do padre.<sup>2</sup> O episódio comporta um entendimento religioso e outro de caráter político-administrativo: o confronto com um sacerdote que não agia conforme os princípios religiosos aceitos pela comunidade e a disputa de poder entre o Vale e a sede da Colônia. Segundo Vésccio, os colonos “reivindicavam o direito de ter junto de si um padre que agisse de forma a não levantar suspeitas quanto à sua conduta moral e santidade”. (2001, p. 60). Nessa disputa entravam em jogo tanto elementos do sagrado quanto do profano. A Igreja fundava a sociedade civil, de acordo com a Constituição Imperial em vigor, e também era marco fundador das comunidades coloniais italianas. Lutar por um padre que se engajasse na comunidade não era apenas lutar por atendimento espiritual, era garantir que a sociedade se desenvolvesse.

É nesse contexto que novas tratativas foram feitas na Itália para trazer de lá outros padres, dessa vez mais identificados com a religiosidade dos colonos. O emissário desses procurou a Pia Sociedade das Missões, conversou com o procurador-geral, Guilherme Whitmée, e esse aceitou a proposta de fundar um colégio no Vale Vêneto. Em maio de 1885, o procurador-geral chegou no Rio Grande do Sul, entendeu-se com o bispo, conheceu o Vale e as imediações e aprovou a ideia de fundar ali uma Missão. Realizou-se um contrato entre o procurador e os fabriqueiros do Vale, onde ficou claro o projeto de uma sociedade rural quanto à sua organização política e religiosa.

No ano seguinte, Whitmée regressou com os dois primeiros missionários: Jacó Pfändler (suíço) e Francisco Shuster (alemão). A posse ocorreu no dia 25 de julho e nascia a primeira comunidade palotina na América do Sul.<sup>3</sup> O historiador palotino Genésio Bonfada refere-se de forma entusiástica ao acontecimento, reconhecendo que, com a Missão palotina no Vale, iniciava o enraizamento de uma nova Igreja no centro



do Rio Grande do Sul. (1991, p. 48-49). Essa inserção no Vale Vêneto e na área colonial em geral, no entanto, não será sem conflitos. A Igreja ultramontana tinha um projeto reformador, o episcopado achava-se empenhado em lenta reforma da sua estrutura e prática religiosas, e a Pia Sociedade das Missões era parte desse processo. Sua inserção nessa diminuta comunidade camponesa era o primeiro passo de um projeto transformador do catolicismo rio-grandense.

Em 1882, a sede da Colônia Silveira Martins contava com

716 lotes [...] em sua maioria ocupados. Havia 1.769 habitantes, assim classificados: 1.465 italianos, 122 alemães, 112 nacionais, 51 russos e poloneses, 10 austríacos, 4 franceses e 5 diversos. Desses, 1.720 eram católicos e 49 protestantes. (BONFADA, 1991, p. 28).

A população continuava crescendo, as atividades agrícolas e comerciais prosperavam, e as terras devolutas circunvizinhas começavam a ser ocupadas. (SAQUET, 2003, p. 58). Em 1884, a sede abrigava “dez casas de negócios, quatro tavernas, quatro sapatarias, duas padarias, duas hospedarias, duas carpintarias, duas cervejarias, um açougue, 16 moinhos e oito olarias”. (SAQUET, 2003, p. 58). A sede era também o foco dos liberais, dos maçons, dos anticlericais em geral – em resumo, o lugar da resistência à Igreja, em especial à Igreja romanizadora.

Conforme dados econômicos de 1884-1885, a região apresentava uma grande diversidade de produtos destinados à comercialização, porém, no caso da produção agrícola, em quantidades menores que as outras áreas de colonização italiana da província, com exceção do arroz e do fumo, que as outras não produziam. (SAQUET, 2003, p. 60-61). Os outros núcleos coloniais italianos abrigavam maior número de habitantes. Enquanto o conjunto da Colônia Silveira Martins tinha uma população de 55.318, em 1885, Conde D’Eu abrigava 66.783; Caxias, 113.818; e Dona Isabel, 114.300. (SAQUET, 2003, p. 62).

Na década de 80(séc. XIX), a situação administrativa da Quarta Colônia passou por significativas mudanças: em 1882, foi extinto o regime de Colônia Imperial; em 1886, parte da ex-Colônia (o território da ex-sede) integrou-se ao Município de Santa Maria na qualidade de distrito. Em 1891, uma área da ex-Colônia foi integrada ao novo Município de Vila Rica (depois Júlio de Castilhos), enquanto outra extensão do território ficava para Cachoeira do Sul.



Ao contrário das outras colônias italianas, que conquistaram autonomia política em breve espaço de tempo – Caxias e Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) tornaram-se município em 1890; Conde d’Eu (depois Garibaldi), em 1900 –, a sede e os núcleos coloniais da Quarta Colônia ficaram amarrados aos municípios vizinhos por longas décadas. A emancipação política só veio a partir de 1959.<sup>4</sup>

Em 1885, foi inaugurada a linha férrea entre Taquari e Santa Maria, que passava a 15km da sede da ex-Quarta Colônia, na chamada Estação Colônia (hoje Camobi). A Colônia não estava isolada na sua fase inicial e, por algumas décadas, a produção e o comércio locais apresentaram um dinamismo crescente. O transporte ferroviário próximo não foi suficiente para garantir o desenvolvimento. Santa Maria e os municípios vizinhos ofereciam mercados acanhados, e a região colonial entrou em estado de estagnação a partir da década de 20 (séc. XX).

A religiosidade dos colonos determinou, de alguma maneira, essa situação? Entendemos que não. A religiosidade emprestava coesão social a esse grupo social. A Igreja como instituição cimentava a ordem socioeconômica, disciplinava as energias para o trabalho e a poupança, assim como catapultava as famílias – entendidas como matriz sacralizada da sociedade – para o enfrentamento das adversidades.

Conforme apontamos, os missionários palotinos se entenderam com os fabriqueiros do Vale Vêneto. Os religiosos correspondiam ao ideal de “padre santo” dos colonos, e suas visitas aos núcleos coloniais das imediações (Dona Francisca, Geringonça, Soturno e Núcleo Norte) tiveram boa acolhida. Por não terem frequência os serviços religiosos, as populações desses locais solicitaram ao bispo autorização para os palotinos atenderem aos seus povoados. O bispo acatou os pedidos, e os dois padres palotinos passaram a “administrar todos os sacramentos [na região], inclusive o do batismo e matrimônio”. (BONFADA, 1991, p. 52). Muitos zeladores de capelas circunscritas à Paróquia de Silveira também pediram que os palotinos os atendessem, revelando a contrariedade com a administração do padre Sorio. O bispo atendeu aos pedidos desses zeladores e as capelas de Núcleo Norte, Geringonça, Soturno e Dona Francisca, pertencentes à Paróquia de Silveira, “passaram à jurisdição dos padres do Vale Vêneto”. (PROBST, 1989, p. 17). Isso delinea o conflito que se desenvolvia na região: o da Igreja liberal, representada nesse caso pelo padre Sorio, e a Igreja romanizada, representada pela Pia Sociedade das Missões.



Antonio Sorio compreendeu o que os palotinos representavam e se opôs à sua expansão. Segundo o padre Schuster, ele costumava dizer: “Se eu pudesse devorar com cada grão de feijão preto um negro e com cada batatinha, um alemão [os padres palotinos eram alemães], viveria somente de feijão preto e batatinha”. (PROBST, 1989, p. 17).<sup>5</sup> Outros colonos tiveram a mesma compreensão quanto aos palotinos, como foi o caso de Andrea Pozzobon (católico liberal, professor e comerciante) que entendeu a Pia Sociedade das Missões como uma “roda de expansão colonial religiosa”. (POZZOBON, 1997, p. 178).

Começa, dessa maneira, uma ação sistemática da Igreja Católica ultramontana na área colonial italiana. A Pia Sociedade das Missões foi a primeira congregação religiosa orientada pelo ideário romanizador a se instalar na Região de Colonização Italiana (RCI) no Rio Grande do Sul. Além de atender à expectativa de “padre santo” dos colonos, ela se entendia financeiramente com as comunidades. No caso do Vale Vêneto, vimos os acordos práticos com os fabriqueiros. Os padres tanto impulsionaram o dinamismo socioeconômico do núcleo colonial quanto se beneficiaram dele. Os contratos de financiamento entre o padre Vogel, superior da Missão palotina, e o comerciante Bertoluzzi são expressivos desses acertos. Em janeiro de 1895, padre Vogel, superior da Missão palotina declarou dever 500 mil-réis a Paulo Bertoluzzi. <sup>6</sup> No mesmo ano, foi acrescentado no documento mais um empréstimo de 350 mil-réis. Não encontramos registro do pagamento da dívida, mas sabemos que a Missão prosperou e, concluímos que o negócio era favorável para ambos os lados.

A vida material dos colonos se consolidava com a religião. A área colonial italiana criava um contexto propício para a Igreja. Posteriormente, vieram outras ordens religiosas para o Rio Grande do Sul: os Freis Capuchinhos franceses (1896) e os Carlistas italianos (1896). Os colonos italianos eram atendidos conforme aspiravam, e o bispo via a diocese ser alvo de uma “organização pastoral sempre mais sólida”. (COSTA, 1996, p. 497). A diocese autorizava os religiosos europeus a atuarem e, no caso dos palotinos, preservava para eles os curatos e as paróquias da Região Central do Rio Grande do Sul.



## A consolidação da missão palotina

A existência de uma auto-organização para os serviços religiosos por parte dos colonos do Vale Vêneto comprova sua profunda religiosidade. Isso, no entanto, não permite dizer que a comunidade se enquadrava nos marcos do catolicismo romanizado, então em difusão a partir do Vaticano. A religiosidade vivida pelos imigrantes, originária do espaço rural europeu, não era afeita à rigidez da doutrina tridentina, nem ao ideário ultramontano, porém estava inclinada a tudo que emanasse da autoridade da Igreja.

Logo que se estabeleceram no Vale, os colonos criaram uma associação devocional dedicada a São Francisco de Assis, a qual seria extinta com a chegada dos palotinos, pois não se enquadrava na religiosidade incrementada pela Igreja romanizadora. (MARIN, 1999b, p. 78). Uma Igreja que, além de reorganizar as devoções, instituiu uma forte hierarquia, submetendo o leigo ao poder do Clero. Essa reorganização do poder religioso era o eixo central da reforma ultramontana e será instituída através de pequenos e grandes confrontos mesmo entre o público católico.

Julio Lorenzoni, um dos imigrantes da segunda leva a chegar à Quarta Colônia, narrou, em suas memórias, que, durante a viagem da Itália para os lotes coloniais, os atos de devoção eram comuns. Em vários momentos, os imigrantes criavam situações para acender velas para Nossa Senhora, entoar a “ladainha da Virgem” e “vários cânticos religiosos”. (1975, p. 33) A presença do padre Marcelino, vigário de Santa Maria que recebeu os colonos antes deles subirem a serra, também foi registrada pelo memorialista com “imensa satisfação”, devido às suas “palavras de encorajamento” e sua “bênção especial”. (LORENZONI, 1975, p. 42-43). Relatos como esse comprovam a tese de Olívio Monfroi quanto ao fato de “Deus, a Virgem Maria e os Santos [...] [serem] o sustentáculo e o refúgio dos imigrantes italianos”. (1975, p. 157).

Entendemos, porém, que isso não colocava os imigrantes nas fileiras da Igreja romanizada que procuramos caracterizar. Colocava-os, sim, numa posição favorável a esse novo ideário. Valores religiosos marcavam esse grupo e se intensificavam com a experiência de se verem “perdidos no meio da floresta [...], abandonados pelo poder público, carentes de recursos”, como descreve De Boni (1996, p. 235). Os valores religiosos tornaram-se, nessa conjuntura, os valores ordenadores do mundo colonial





e se impuseram como visão dominante, apesar de existir alguma resistência.




Orientados por valores do mundo do sagrado, esses imigrantes fundaram suas colônias e as legitimaram por meio da religião. Segundo Maestri, a sociedade camponesa encontrou no catolicismo romano o aparato ideológico para responder às suas necessidades. A nova condição de pequeno proprietário de terra “determinou profundamente sua visão de mundo”. (2000, p. 32). Com essa abordagem, Maestri inverte os polos da interpretação tradicional do papel da religião no processo de imigração e, sem negar o papel do catolicismo na vida sociocultural dos imigrantes, não o coloca como fenômeno central da RCI. O núcleo é a formação da sociedade camponesa, suas necessidades e desdobramentos. A religião, no entanto, molda e conforma essa sociedade.

Assim, a partir do Vale, a missão palotina se difundiu para os demais núcleos coloniais. A comunidade deu sustentação a essa expansão. Explica Rosso que os moradores do Vale ficam satisfeitos e felizes com a chegada Pia Sociedade das Missões (PSM): “Esta população, até agora carente de tudo no aspecto espiritual, agora possui tudo.” (BONFADA, 1991, p. 52). A capela anteriormente construída foi destruída (1888) e teve início a lenta construção de um templo consagrado ao “Santíssimo Sacramento”, uma devoção da Igreja romanizada. Os trabalhos dependiam da “renda da roça” e, quando os gafanhotos atacavam a lavoura, e os prejuízos cresciam, as obras tinham seu ritmo diminuído. (PROBST, 1989, p. 21).

A crônica de construção da igreja (no Livro Tombo local e nos *Manuscritos*, de Schwinn) evidencia que os colonos endossavam os projetos da Pia Sociedade das Missões, canalizando para ela boa parte de sua renda e trabalho. A compensação vinha da satisfação de “possuírem tudo” e do povoado ser elevado à condição de curato (1889). Em 1903, a igreja estava coberta, mas seu acabamento só ocorreu em 1909. Lembra Probst (1989), aquela era “a igreja-mãe das muitas que depois haviam de segui-la”.


A partir desse enraizamento no Vale, a Missão estendeu seus serviços aos núcleos coloniais próximos. Os dois sacerdotes se dividiram para visitar a Colônia de Santo Ângelo (núcleo colonial alemão, futura cidade de Agudo), assim como os núcleos italianos de Soturno (futura Nova Palma), Geringonça (futura Novo Treviso) e Núcleo Norte (futura Ivorá). Na medida em que aumentou o efetivo de sacerdotes, alguns passaram a residir nessas capelas, as quais foram promovidas a curatos e, posteriormente, a paróquias.






Nem todas as missões, no entanto, resultaram em sucesso. Um duro revés aconteceu na Paróquia de Caxias do Sul. A notícia a respeito dos palotinos chegou a esse núcleo colonial, e a comunidade religiosa requereu os seus serviços. O bispo autorizou e, em 1888, os padres se instalaram na capela local. Desde o início, no entanto, ocorreram conflitos. O padre José Bruno (Superior-Geral) foi alvo de atentado urdido pela maçonaria (BONFADA, 1989, p. 71). O padre Henrique Vieter, por sua vez, entendendo a forte resistência à atuação da Igreja, passou a exercer seu ministério de forma bastante rígida. Ele visitava as capelas da paróquia e não permitia que houvesse baile enquanto estivesse em missão. (CESCA, 1975, p. 156). Além dessa postura puritana, Vieter também se opunha às comemorações do 20 de Setembro.<sup>7</sup>

Em maio de 1890, Vieter é substituído por Schuster, que enfrenta grande resistência por parte da comunidade. A população católica se dividiu entre ele e o padre coadjutor da paróquia, padre Cármine. Padre Schuster não atendeu às demandas e logo teve de fugir durante uma madrugada.



O episódio da Colônia Caxias é exemplar quanto às dificuldades que a atuação dos palotinos muitas vezes encontrava. A historiografia eclesial costuma explicar esses casos enfatizando a “hostilidade da Maçonaria”. Entendemos que, apesar de haver uma oposição anticlerical forte, ela não era, necessariamente, maçônica. Era, muitas vezes, os próprios católicos que não aceitavam as posturas autoritárias da Igreja romanizada.



Revezes como o ocorrido na Colônia contudo, não barraram o avanço da Igreja romanizada. Em Silveira Martins, sede da Quarta Colônia, havia confronto entre o vigário, padre Sorio, e os palotinos. As “diferenças de mentalidade” entre a sede da Colônia e o Vale eram facilmente percebidas, escreve Probst. Em 1896, concomitantemente à autorização dos palotinos governarem a paróquia de Santa Maria, a PSM também passou a atender a parte do núcleo de Arroio Grande pertencente àquele município. A outra parte estava sob jurisdição do curato de Silveira Martins. Com isso, se evidenciou a disputa entre Sorio e os palotinos. Porém, em 1900, padre Sorio morreu – decorrente de agressão sofrida de três homens, que esmigalharam seus testículos, por “prováveis aventuras amorosas com mulheres” (VÉSCIO, 1989, p. 249)<sup>8</sup> – e rapidamente o bispo passou a Paróquia de Silveira Martins para a PSM.

Dessa época, é significativa a carta do bispo Ponce de Leão ao Superior da Missão Palotina, em 26 de julho de 1900:

Entreguei essa freguesia [Santa Maria] a V. Revma. com o desejo de favorecer a Pia Sociedade das Missões, dando uma freguesia rendosa, reunindo todos os Revdos. Padres Palotinos ao redor de Santa Maria, o que incluí nomeando o Revdo. Padre Matias [Schoenauer] Vigário de Silveira Martins. (BONFADA, 1991, p. 129).

Isto, no nosso entendimento, evidencia o papel que os palotinos exerciam no centro do estado. Os governos dos padres palotinos nas Paróquias de Silveira Martins e Santa Maria são exemplares do projeto reformador do episcopado brasileiro. Centrada no núcleo Vale Vêneto, um singelo povoado camponês, a congregação cresceu e se consolidou na Quarta Colônia, ganhando, posteriormente, a freguesia rendosa de Santa Maria.

Na paróquia de Silveira Martins, padre Frederico Schwinn fez um governo proveitoso (1906 a 1918). Reformou a igreja matriz (ergueu suas paredes, construiu a torre do sino) e aumentou o número de capelas na zona rural. O registro dessas realizações, tanto no Livro Tombo quanto nos *Manuscritos* do padre, podem ser lidos como manifestações concretas de progressos espirituais. Se entendermos que as construções foram fruto de doações da população local, tanto em dinheiro quanto em trabalho, podemos admitir que as reformas da igreja e a expansão das capelas mostravam uma consolidação dos valores religiosos. Revelavam, também, a possibilidade de os exercícios de fé – pregação, ritos, distribuição dos sacramentos – serem melhor desenvolvidos.

Em 1907, por exemplo, o padre Schwinn propôs aos seus paroquianos o “levantamento da Matriz”. O povo resistiu, dizendo que “a Matriz já tinha custado muito”. O vigário informou que o bispo coadjutor, no fim do ano, viria em visita pastoral até Silveira Martins e perguntou: “O que [ele] dirá achando em toda a Colônia igrejas melhores do que na sede?” Schwinn tocou no orgulho e na identidade dos silveirenses – a Igreja como expressão da força de uma comunidade – e conseguiu que os mesmos apoiassem sua proposta. Em 1908, devido a esforços do padre Schwinn, chegaram as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, fundando o Colégio Bom Conselho e reforçando a presença católica.



Esse papel ativo da Igreja, no entanto, não se deu sem tensões. As anotações do padre Frederico são pontuadas de nomes de desafetos, pois o anticlericalismo vicejava de forma epidérmica e espontânea. Algumas vezes, o enfrentamento da “roda da expansão colonial religiosa” dos palotinos era planejado, como foi o caso da construção de um monumento a Garibaldi, em 1910, na praça central de Silveira Martins, na frente da igreja. Muitos dos garibaldinos ou nacionalistas eram conhecidos como maçons, mas a Maçonaria local não tinha a organização, nem a força que lhe eram imputadas. Uma loja fora criada com 12 membros em 1898 – a União e Trabalho –, mas sua existência foi fugaz. Em 1901, contava com apenas 31 membros. (VÉSCIO, 2001, p. 69-70).

As ações dos anticlericais, amplificada pela historiografia eclesiástica, não impediram o êxito do empreendimento palotino. No pequeno espaço de uma paróquia da RCI como Silveira Martins, o padre Schwinn coordenou os ritos religiosos seguindo o roteiro estabelecido pela Igreja romanizada. Ele estabeleceu o tempo eterno do mundo do sagrado e inseriu a Igreja no eixo da vida sociocultural da região. Se os imigrantes, ao chegar aos núcleos coloniais, sentiram-se isolados e abandonados pela civilização, pela religião e a Igreja se reintegravam ao mundo. O catolicismo ordenava a sociedade colonial e a colocava na órbita da civilização criada pela cristandade, assim como inseria o pequeno mundo de Silveira Martins nos quadros da sociedade sul-rio-grandense – nem que fosse para que os camponeses pudessem “trabalhar em paz”.

### Considerações finais

Ao exitoso enraizamento dos palotinos no Vale Vêneto, seguiu-se a ocupação das capelas das regiões vizinhas. O mundo do sagrado conformou a nascente sociedade colonial e a articulou com a sociedade sul-rio-grandense, tendo em vista o projeto de construção de uma sociedade cristã. Os colonos, mesmo com algumas divergências, aderiam a esse projeto – não na qualidade de “cordeiros”, como vociferava Andrea Pozzobon nas suas reflexões de católico liberal –, mas certos de que a Igreja configurava sentido ao seu precário mundo. A religião não apenas possibilitava “consolo espiritual”, mas construía núcleos de vida social, em torno dos quais gravitavam atividades econômicas, sociais e culturais. Havia os batismos, os casamentos, os enterros – todos esses passos da vida e da morte devidamente sacralizados –, como também acontecia o



comércio e a difusão de valores, que possibilitavam a disciplina e o trabalho na lavoura, a constituição das famílias e das gentes ordeiras, capazes de suportar a rotina da roça e as tantas privações da vida.

Dentro dessas coordenadas é que entendemos que se constrói a matriz católica da ex-Quarta Colônia de Imigração Italiana, uma matriz que se consolidou na medida em que a Igreja correspondia ao projeto da sociedade camponesa em formação, como bem expressou o padre pesquisador Sponchiado, descrevendo a sensação dos colonos ao receberem o título de propriedade. Ao se depararem com o documento com as armas do Estado (que a maioria não sabia ler), os colonos agradeciam à “lei de Deus” em primeiro lugar. (SPONCHIADO, 1996, p. 40). A conquista da propriedade da terra, a aquisição de um bem muito sonhado, tinha o aval de Deus, da religião e da Igreja Católica – e isso, no nosso entendimento, forjou a sagrada aliança dos colonos com os padres, com os padres que colaboraram para a concretização das aspirações dos colonos.

A PSM, com seu zelo e determinação missionária, transformou o espaço social da ex-Quarta Colônia em “berço e jardim”, não apenas para ela mesma, mas também para a maioria dos seus habitantes. Enraizando-se nas práticas dos colonos, o catolicismo fez parte da identidade regional, parte da vida e do ar que todos respiram – até hoje – nas montanhas e vales dessa área de colonização italiana.

## Notas

---

<sup>1</sup> SCHWINN, Padre Frederico. *Manuscritos*. Caixa 4, Arquivo Provincial dos Palotinos, Missão Brasileira, Santa Maria. 1903. Caderno 1, p. 2-3.

<sup>2</sup> ARQUIVO Histórico Província N. S. Conquistadora. Petição ao Presidente da Província, 2 dez. 1884.

<sup>3</sup> No fim do mesmo ano, 1886, foi fundada uma casa palotina em Montevideú. Pouco depois, a congregação também se instalou na Argentina.

<sup>4</sup> A região da ex-Quarta Colônia se fragmentou em vários municípios: o ex-Núcleo Faxinal do Soturno, em 1959; o ex-Núcleo Soturno (depois Nova Palma), em 1960; o ex-Núcleo Dona Francisca, em 1965; e a ex-sede Silveira Martins, em 1987.

<sup>5</sup> Padre Sorio tinha costume de beber e praguejar junto com os colonos. A frase se encontra no livro *Memórias*, do padre Schuster.

<sup>6</sup> RECIBO de empréstimo. Arquivo Histórico Província N. S. Conquistadora. Caixa 3, folha avulsa.

<sup>7</sup> Não satisfeito em proibir os festejos da Unificação, o padre autorizava sabotagem, mandando meninos destruírem os morteiros que seriam usados pelos festeiros. (PROBST, op.cit., p. 43.)

<sup>8</sup> No testamento deixado pelo padre, consta que ele faleceu devido à queda do cavalo, sem alusão à agressão sofrida de três homens. Tempos depois, surgiu a versão de que o padre foi atacado pela Maçonaria.

## Referências

- BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul: 1886 a 1919: o fim da Província Americana*. Porto Alegre: Pallotti, 1991.
- CESCA, Olivo. *Faxinal do Soturno: sua história e sua gente*. Santa Maria: Rainha, 1975.
- COSTA, Rovílio. A Igreja no início das colônias italianas. In: DE BONI, L.A. (ORG.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. v. 3.
- DE BONI, Luiz. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sérgio (Org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- MAESTRI, Mario. *Os senhores da Serra*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2000.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul; IEL; DAC/SEC, 1975.
- MARIN, Jéry. (Org.). *Quarta Colônia: novos olhares*. Porto Alegre: EST, 1999a.
- MARIN, Jéri. Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Quarta Colônia: novos olhares*. Porto Alegre: EST, 1999b.
- POZZOBON, Zola (Org.). *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul: Educs, 1997.
- PROBST, Carlos. *História da Província da Pia Sociedade das Missões (PSM – Palotinos)*. Londrina: 1989. Texto datilografado.
- SAQUET, Marcos. Alguns aspectos da formação econômico da ex-Colônia Silveira Martins: (1878-1925). In: SAQUET, Marcos. (Org.). *Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)*. Porto Alegre: EST, 2003.
- SPONCHIADO, Breno. *Imigração e Quarta Colônia*. Nova Palma e padre Luizinho. Nova Palma; Santa Maria: Paróquia Santíssima Trindade; Pró-Reitoria de Extensão/UFSM, 1996.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sorio: a Maçonaria e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

Recebido em 7 de junho de 2010 e aprovado em 25 de agosto de 2010.